

CONJUNTURA

Técnicos prevêem marasmo econômico

45

Fabio M. Salles/AE — 2/12/92



Natal deste ano pode ser melhor que o de 1992

Para economistas, primeiro semestre de 1994 não repetirá o desempenho verificado no mesmo período deste ano e o aquecimento nas vendas deve ficar restrito ao Natal

GLEISE DE CASTRO

Os analistas econômicos não esperam grandes mudanças no desempenho da economia no primeiro semestre do ano que vem. Embora as expectativas sejam de um Natal razoável, com aquecimento das vendas do comércio em níveis possivelmente maiores do que os verificados no final do ano passado, não acreditam que isso possa se traduzir em nova reação da atividade econômica, como ocorreu no primeiro semestre deste ano.

"O Natal pode ser surpreendente para o comércio, mas isso não significa nenhuma retomada sustentada, e em janeiro devemos voltar ao marasmo atual", diz o economista Cláudio Contador, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e editor do boletim *Indicadores Antecedentes*.

Com a demanda reprimida dos últimos meses, mais o reforço do 13º salário e a reposição mensal de parte da inflação para os salários mais baixos, espera-se que os consumidores se disponham a comprar mais neste Natal. Mas o comércio prefere não se arriscar. Como no ano passado, continua trabalhando com pequenos estoques, só renovando as encomendas à medida que os artigos vão sendo vendidos.

"Devemos ter um Natal melhor, mas para não correr o risco de quebrar a cara como no ano retrasado, os empresários do comércio só estão comprando na medida de suas necessidades", afirma Oiram Corrêa, diretor da divisão de estu-

dos econômicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo. Os juros altos também desencorajam a formação de estoques.

O comportamento do comércio se reflete na produção industrial, que nessa época do ano deveria ter se expandido para atender às encomendas de fim de ano, o que não está ocorrendo, nota o chefe do departamento econômico da Confederação Nacional da Indústria,

Marco Antonio Guarita. "Os dados econômicos mais recentes mostram que, mais do que uma acomodação da trajetória de crescimento, está havendo algum recuo", afirma Guarita. É especialmente preocupante neste

**JUROS E
INFLAÇÃO
INIBEM
CONSUMO**

final de ano, diz, o desemprego registrado pelas indústrias paulistas — quase 15 mil demissões nas três primeiras semanas de outubro. Além de reduzir a massa salarial, o desemprego diminui a propensão ao consumo por parte de

quem continua empregado.

"Este é um período tradicionalmente marcado por expansão da produção, em que as empresas normalmente empregam", lembra o economista. A principal causa da retração da atividade é o aumento da inflação, cuja consequência imediata é a corrosão dos salários. Outro motivo: elevação dos juros provoca impacto sobre consumo e formação de estoques. Apesar desses fatores, Guarita acha que não se deve subestimar o potencial de vendas do Natal.

O que está ajudando a contrabalançar o recuo da atividade é o fato de que alguns setores que puxaram a reativação econômica continuam aparentemente com bom desempenho — caso da indústria automobilística e dos setores voltados à exportação. "Isso faz com que essa queda da atividade não se transforme num mergulho muito forte", diz. "Nossa previsão é de que esse quadro continue no começo do ano que vem, com alguma contração na atividade econômica, mas sem uma guinada recessiva mais expressiva."